



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**O Boi Bumbá de Parintins. Hibridação, folkcomunicação digital. Nova linguagem, efeitos e malefícios.<sup>1</sup>**

José Raimundo Dantas da Costa<sup>2</sup>

João Luiz de Souza<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

**Resumo**

O presente artigo apresenta a cultura do Boi Bumbá de Parintins - município do Amazonas – como cultura de massa/popular onde mostra seu poder simbólico referenciando um legado deixado pelos antepassados formando uma identidade única na população da cidade. As hibridações culturais sofridas/impostas ao passar do tempo causou uma mudança significativa no que diz respeito ao feitiço de todo o conjunto folclórico, ocasionando a criação de dois formatos da mesma cultura, o antigo que mostra toda uma semântica original da cultura do Boi-Bumbá e seus atores e o novo formato, este adaptado para se enquadrar nas exigências do mercado do entretenimento imposto pela indústria cultural. A partir de um olhar ecossistêmico, verificaremos que a folkcomunicação agora na versão digital, exclui uma parte da população da cidade, sobretudo os idosos, marginalizando-os das tecnologias de redes baseadas na internet.

**Palavras-chave:** Boi Bumbá; Indústria cultural; hibridação; folkcomunicação digital.

**Texto do Trabalho**

A cultura de um modo geral faz parte de todo um processo de aprendizagem de costumes, linguagem, comportamentos de um povo ou de um grupo social, onde as experiências e aprendizados e saberes são passado de geração a geração com o comprometimento ou não, de se manter a fidelidade da tradição daquele conhecimento ancestral no qual foi transferido às gerações posteriores. Conhecimentos estes que formam características distintas onde se percebe automaticamente que um indivíduo é de um determinado lugar, tal característica oriunda dessa aprendizagem empírica

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 2: Expressões da folkcomunicação na cultura popular.

<sup>2</sup> Aluno de Pós Graduação em Ciência da Comunicação – PPGCCOM – UFAM - AM

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Dr. João Luiz de Souza – PPGCCOM - UFAM – AM.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

recebida dos mais velhos, influencia nas produções artísticas como na música, na instrumentalização musical, na maneira de tocar um determinado instrumento, no canto, na dança, na pintura, nas artes plásticas, na escrita, nas composições, nas linguagens, nos símbolos, nos ícones, nos mitos, nos ritos, nas representações e em tantos outros setores que fazem parte da semântica cultural que envolve o indivíduo que faz parte desse processo.

Fidelizar a tradição de tudo ou de grande parte daquilo que foi passado empiricamente como ensino cultural, é o grande desafio que rodeia uma sociedade que tem os seus ensinamentos como características próprias. Muitos fatores contribuem para que haja uma mutação das tradições culturais, esses fatores causam um impacto cultural de transformação levando a mudanças significativas onde acabam fazendo existir um formato antigo e um atual da mesma cultura, ambos andando juntos em duas linguagens distintas relacionando-se entre si, caracterizando a cultura que foi criada no passado, mantida até uma determinada geração e transformada no presente utilizando-se do hibridismo globalizado oriundos de culturas de outras regiões e da indústria cultural.

Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. (CANCLINI, 2013, Pg.19).

Algumas manifestações culturais de outras regiões do país que sofreram a hibridação, onde foram inseridos outros elementos que combinaram criando nova estrutura de linguagem. O frevo, o maracatu de Pernambuco, o samba de roda da Bahia, o carimbó do Pará, o bumba meu boi do Maranhão e até mesmo o boi bumbá do Amazonas respectivamente no município de Parintins como tantas outras manifestações não passaram ilesa desse fenômeno de mesclagem cultural onde tudo se adaptou criando um novo modo, nova proposta, novo formato, nova linguagem, novos ícones adaptando-se a novos sistemas comunicacionais e às exigências do mercado imposto pela indústria cultural. Alguns desses exemplos aqui citados mantiveram suas tradições quase que intactas, em suas respectivas festas, quase não houve mudança na sua linguagem folclórica, nota-se que o número de visitantes, simpatizantes e turistas se mantém ano após ano, as pessoas retornam ao lugar e participam da manifestação cultural, ou seja; a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

hibridação não causou impacto no que diz respeito à linearidade da visitação de milhares de pessoas que se identificam com a cultura do lugar entendendo a proposta da linguagem e o que se quer comunicar. Os grandes anunciantes veem nessas manifestações culturais a oportunidade de expor suas marcas diante de um número de “consumidor” significativo, (posso dizer que essa prática de marketing é uma apropriação de uma cultura na qual nunca fizeram parte), são os anunciantes que mantem esses movimentos culturais dando-lhes total condição de fazer com que aconteça todo ano na sua respectiva data, assim, forjam uma linguagem paralela à linguagem folclórica já existente formando outro modo de identificação iconográfica para persuasão do público.

Não posso me referir à hibridação cultural sem expor o fenômeno inverso ao que aconteceu aos movimentos de outras regiões como a do Nordeste que manteve quase que totalmente sua fidelidade nas tradições, por exemplo, com o que está acontecendo ao boi bumbá do Amazonas na cidade de Parintins. Diferente de muitas outras festas, o fenômeno de hibridação foi como se um tiro tivesse saído pela culatra, o que era uma manifestação totalmente democrática onde todos participavam dos ritos e costumes pela simplicidade, onde a linguagem comunicacional simples representativa era entendida e aceita por todos, passou a ser somente para alguns que de fato não se deixaram abater pela hibridação ou não perceberam tais mudanças.

A mudança na cultura do Boi Bumbá Parintinense foi tão radical e rápida, que afetou até no comportamento da população local. No passado, (meados da década de noventa para trás) toda a cidade se mobilizava em prol de seu boi preferido, logo se observa que a folkcomunicação onde unia agentes ligados ao folclore, em que intercambiavam opiniões e atitudes, nem de longe não é mais a mesma, de uns anos pra cá, se quer, decoram/enfeitam suas casas ou prestigiam a apresentação dos bumbás no Bumbódromo. Esse novo sistema e formato causou o que podemos chamar de uma decepção coletiva, boa parte da população (principalmente os mais velhos) se sente como se sua cultura com todo seu tradicionalismo tivesse sido arrancada de suas mãos com a alegação de que a linguagem antiga não cabe mais no formato atual e que os ícones já ultrapassados não funcionam mais enquanto pano de fundo da brincadeira,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

provocando assim, a necessidade de mudar para universalizar, pois, o mercado do entretenimento batia à porta obrigando-os as tais mudanças se apropriando de todo o processo cultural tradicional e comunicacional para ali formar seu plano de marketing fomentando a atração da massa para realizar ali um alto consumo de produtos das marcas que patrocinam a indústria cultural para vender e gerar grandes lucros sem o menor respeito pela população local e suas tradições.

Essa proposta de “universalização” causou mudança na música, nas composições, na dança, nas linguagens, na comunicação empregada, nos ícones, nos atores representativos entre outros setores, a folkcomunicação, agora digital, passa uma linguagem atualizada onde os mais velhos não assimilam e os mais jovens por sua vez “entram de cabeça” valendo ressaltar que tudo acerca da folkcomunicação empregada acontece no mundo onde a cultura digital os insere nos canais midiáticos digitais mais usados como as redes sociais *facebook*, *Instagram* e *Whatsapp* onde tudo acontece da publicidade e propaganda até os embates verbais onde a discussão se resume em: qual associação é a melhor, (e isto tudo em grande velocidade, bem diferente de poucos vintes anos atrás) antes, esses embates eram nas ruas, “ao vivo e a cores”. Essa nova proposta da folkcomunicação contemporânea usada de maneira massiva em Parintins fora ou na época do festival, comunica num curto espaço de tempo tudo que gira em torno da cultura Parintinense, todavia, exclui os mais velhos, pois estes não assimilam o funcionamento desse processo digitalizado, sendo assim, os deixam à margem do sistema digital hoje empregado, salvo, as estações de rádios locais que passam as informações em forma de notícias, entretanto, a participação efetiva não acontece, suas ideias e opiniões lhe são vetadas, pois para eles (os idosos) esse processo é complexo.

A necessidade de mudar o padrão e o formato cultural partiu dos sistemas da indústria cultural a partir do momento que as grandes marcas perceberam o grande potencial da festa, o excesso de simplicidade não se enquadrava nos padrões dos planos de marketing dos grupos hegemônicos, pois os mesmos já ofertavam patrocínio em grandes quantias. Eis as oportunidades que os artistas locais tanto almejavam a fim de chamarem a atenção da mídia nacional, gravadoras, grandes marcas anunciantes, agenciam de turismo, etc. A partir deste momento, Parintins se torna cidade espetáculo.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Ao contrário do que se esperava a cultura do Boi Bumbá de Parintins atualmente não é assimilada pela população das outras regiões do país, o difícil entendimento do formato musical (toada, letra e música), causa uma inversão daquilo que seria universal, ou seja; é um tipo de música que a linguagem e a comunicação empregada despopulariza o processo de entendimento, embora falem de lendas, combates indígenas, pajés, e todo o pano de fundo e atores que compõem o universo indígena Amazônico, a compreensão é difícil, logo, a aceitação da cultura fica num estado de quase rejeição.

A cultura do boi bumbá no formato passado é mantida não como pano de fundo daquilo que se tornou ícone no estado enquanto cultura popular, mas para dar manutenção e base ao novo formato que cada vez mais afasta os que antes tinham a cultura Parintinense como um encontro pessoal de identificação regional ancestralizada. Esses afastamentos em massa de visitantes, turistas e anunciantes causam um déficit econômico na população de um modo geral, onde todos – principalmente os de baixa renda, esperavam o período do festival para compor em seu orçamento os dividendos que entravam como receita para famílias de todas as camadas sociais.

A indústria cultural na perspectiva da folkcomunicação, pode nos ajudar a compreender também até em que ponto as novas mídias digitais colaboraram enquanto ferramenta, no processo de influência para tais mudanças radicais na cultura do boi bumbá de Parintins e qual o diálogo entre a geração que viveu o formato antigo e a geração do novo formato e quais suas consequências. Logo, esse sistema pode nos levar a entender todo processo de hibridação cultural do boi bumbá do município de Parintins, suas causas e seus fenômenos criados a partir da formação de opiniões de duas gerações distintas onde dialogam dois formatos da mesma cultura. Qual a influência dos processos midiáticos, que giram em torno de todo o sistema comunicacional envolvidos na cultura do lugar e a folkcomunicação digital que exclui uma camada da sociedade Parintinense, como já citado acima. Também se percebeu que ao passar dos tempos, a transformação dos conteúdos iconográficos culturais folclóricos sofreu uma mudança radical e quase que instantânea, novos formatos da música, poesia e dança, nos conduzem a um repertório pouco democrático no qual assuntos do cotidiano local como também sobre a Amazônia ficaram em segundo plano, mediado por interlocutores



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

(agentes externos) que, não vivem ou viveram a cultura local, causando um impedimento aos compositores e artistas parintinense de expressar seu entendimento sobre si mesmos, acerca de seus conhecimentos empíricos, experiências e sobretudo seus saberes enquanto caboclos. Nas duas formas da mesma cultura existente hoje em Parintins, circulam signos e significações sobre uma região muito conhecida do ponto de vista da comunicação, do marketing, das populações que visitam a cidade, dos artistas locais e de tantos outros que vivem a cultura local resultando em imensos paradoxos ao redor das imagens iconográficas amazônicas e indígenas de um modo geral. Boa parte do discurso poético representa a região, muitas vezes sob a ótica do índio, do pajé, do vaqueiro, do calafate, do pescador e de todos os ícones folclóricos amazônicos que envolvem e se materializam em forma de arte. Todo o conjunto da natureza Amazônica funciona como elemento para compor um imaginário representado pela natureza expressa na fauna e flora, nos grandes rios, ignorando-se dos sujeitos sociais que nela vivem e que são formados por aqueles que de fato fomentam a criação de histórias no qual são os mais afetados pelo hibridismo cultural a indústria cultural e a exclusão ocasionada pela folkcomunicação digital, assim, se faz a diminuição da importância de suas significações e linguagens.

Esse artigo nos dará uma oportunidade de querer estudar mais a fundo um assunto talvez nunca questionado, a transformação da cultura do boi bumbá de Parintins a partir da análise da hibridação da perspectiva da indústria cultural e da folkcomunicação digital formando novos elementos, formatos e linguagem comunicacional com influências de culturas de até outros países e a folkcomunicação digital contemporânea, as mudanças iconográficas e a nova linguagem comunicacional que leva a população a terem um desinteresse coletivo da festa, o diálogo entre o velho e o novo formato da cultura gerando uma nova linguagem onde há um conflito de gerações no qual a antiga não assimila o novo e a nova geração não aceita o velho formato como parte singular de sua cultura tendo-o como base de formação antropológica em que no qual o formato contemporâneo é totalmente sustentado pelas tradições dos primórdios.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**Culturas Híbridas. Cultura de massa X Cultura popular.**

Canclini (2013), afirma que a hibridação funde estruturas ou práticas sociais para gerar novas estruturas e novas práticas. Às vezes isto ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas, frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. A bibliografia sobre cultura costuma supor que existe um interesse intrínseco dos setores hegemônicos em promover a modernidade e um destino fatídico dos populares que os arraiga às tradições. Os modernizadores extraem dessa oposição a moral de que seus interesses pelos avanços, pelas promessas da história, justifica sua posição hegemônica, enquanto o atraso das classes populares as condena à subalternidade. Se a cultura popular se moderniza como de fato ocorre, isso é para os grupos hegemônicos uma confirmação de que seu tradicionalismo não tem saída; para os defensores das causas populares torna-se outra evidência da forma como a dominação os impede de serem eles mesmos, afirma Canclini (2013). Além disso, no momento sócio-histórico atual, não se pode pensar a cultura como hermeticamente local. Hall (1992) diz que devido aos efeitos da globalização, todas as culturas mundiais estão em constante transformação e reconfiguração. Traços de uma cultura podem ser facilmente identificados em outras, e não se pode determinar a quem tais traços pertencem. Vivemos em uma época de hibridismo cultural.

Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. “Boas pensava que a tarefa do antropólogo linguista era também elucidar o vínculo que liga o indivíduo à sua cultura” (CUCHE, 1999, p. 45).

A hibridação cultural pode ser também provocada pelos poderes hegemônicos que fazem da globalização ferramenta para promover mudanças na cultura de forma que o povo que cria a “cultura de massa” passando a ser um subalterno popular originando outras formas da mesma cultura a fim de que se encaixem nos padrões de marketing de cada organização interessada em tirar proveito financeiro daquela cultura passando assim ser chamada de cultura popular.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

A inovação dos estudos culturais britânicos, então, consistiu em ver a importância da cultura da mídia e nos modos onde ela está aplicada nos processos de dominação e resistência. No entanto há alguma discussão em torno da terminologia apropriada para descrever os objetos dessas formas de cultura que permeiam a vida cotidiana em forma de coisas familiares como rádio ou a televisão. Raymond Williams e os componentes da escola de *Birmingham* foram responsáveis pela rejeição do termo “cultura de massa” que segundo argumentam, tende a ser elitista, criando uma posição binária entre alto e baixo, oposição essa que despreza “as massas” e sua cultura. O conceito de “cultura de massa” também é monolítico e homogêneo, portanto neutraliza contradições culturais e dissolve práticas e grupos oposicionistas num conceito neutro de “massa”. (KELLNER, 2001, P.50).

A partir daqui, consideremos a cultura do Boi Bumbá de Parintins como cultura popular. Pois a força de um povo onde a criatividade reina, é o ícone principal de construção de bens simbólicos onde os ícones representam muito mais que meramente um símbolo, representam de fato a ancestralidade de um povo que fez e faz história. Bourdieu (2007), afirma que o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber se lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

Referindo-se ao Boi bumbá de Parintins, a hibridação foi implacável acerca do desrespeito às tradições. Alguns aparatos originários de outras culturas, atualmente fazem parte do conjunto de elementos característico da cultura do boi de Parintins como se existissem desde o começo do movimento cultural no início do século XX. O Boi Bumbá no formato da cultura de massa no aspecto musical tinha somente instrumentos de percussão, este exemplo pode ser utilizado para representar o que a indústria cultural fez para adaptar a cultura ao mercado a partir da hibridação. O formato do setor musical dos bois se organizava da seguinte forma. O surdo, de variadas numerações de tamanhos (circunferência em polegadas, a diferença de tamanhos é para dar certa afinação entre os tambores), o outro era o repinique (também conhecido como repique, considerado a parte aguda do conjunto percussivo) o rocar que em outras culturas como as das escolas de samba do Rio de Janeiro os chamam de ganzá ou chocalho a palminha que no Bumba Meu Boi o chamam de matraca e para finalizar a parte da percussão, o





XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

instrumento que dita a batida específica do Boi Bumbá do Amazonas respectivamente do município de Parintins, a caixinha. A caixinha é o instrumento específico que dita ou comunica que só nessa cultura há esta batida/toque e que em nenhum outro lugar se ouvirá toque igual ou parecido, a caixinha pode ser considerada um instrumento iconográfico da cultura do Boi Bumbá no qual seu toque comunica a ancestralidade de um povo miscigenado de etnias variadas como o branco o negro e o índio já comprovados em várias apresentações dos bois de Parintins no festival folclórico. O Xarango por sua vez pode ser considerado atualmente como ícone da contemporaneidade cultural do Boi Bumbá. Embora seja um instrumento genuinamente da cultura Andina, o Xarango foi introduzido/adaptado como instrumento de harmonia dando apoio ao único até então, o violão<sup>4</sup>. A estrutura da parte musical foi o primeiro setor a ter mudanças e adaptações significativas, o sintetizador<sup>5</sup> passou a fazer parte das apresentações dos bois na arena do Bumbódromo<sup>6</sup> como ferramenta primordial para emular os sons da natureza. Em seguida, foi só questão de tempo para que os outros instrumentos elétricos como contrabaixo, viola caipira elétrica, sanfona e guitarra com efeito de *distortion*<sup>7</sup> e *over drive*<sup>8</sup> fossem introduzidos na cultura do Boi Bumbá caracterizando assim a hibridação e o estabelecimento da indústria cultural remodelando a cultura até então de massa para a cultura popular, ou seja, aquilo que era do povo simples, do proletário, passa a ser do migrante cultural consumidor, se tornando produto para consumir. Finalmente, Parintins se torna cidade espetáculo.

Kelner (2001), afirma que “cultura popular” indica a cultura do povo e para o povo, no sentido de que o povo produz essa cultura e participa das práticas culturais que articulam suas experiências e aspirações e que chamar de “cultura popular” os produtos comerciais da indústria cultural feito para as massas oblitera uma distinção bem diferente de dois tipos de culturas.

---

<sup>4</sup> Guitarra nos países latinos e hispânicos e *acoustic guitar* nos países de língua inglesa.

<sup>5</sup> Teclados importados de marcas famosas imitavam som de pássaros, água, flautas indígenas, etc.

<sup>6</sup> Lugar onde se realiza as apresentações das associações folclóricas Garantido e Caprichoso.

<sup>7</sup> Nomenclatura utilizada para se referir a um equipamento destinado à guitarra elétrica. Efeito para distorcer a onda sonora.

<sup>8</sup> Da mesma forma que o *distortion* sendo que com menos ruído.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Assim, a indústria cultural formalizada na hibridação comunica de certa forma que a “cultura popular” é de fato popular, entretanto, a população vive a mercê dos grupos hegemônicos que por sua vez se apropriam da cultura da população, dos ícones, dos ritos, e de toda a semântica que envolve a construção do folclore no formato do Boi Bumbá para fazer valer seu propósito hegemônico capitalista dominador fazendo com que todos os agentes culturais envolvidos neste processo sistêmico vivam subalternamente de modo que nunca mais recuperarão o que um dia foi seu com todas as suas atribuições de tradição e costumes. A indústria cultural faz de modo com que as ferramentas utilizadas como hibridação e a folkcomunicação, agora digital, forme um cenário ilusório de progresso, independência e reconhecimento quando na verdade se estabelece um caminho sem volta. A hibridação de fato atinge todos os setores que abrangem a cultura do Boi bumbá, a dança por sua vez é outro exemplo clássico da presença da hibridação enquanto ferramenta da indústria cultural. De simples e universal, se torna uma dança mais contemporâneo, os movimentos são mais complexos e os passos adaptados de outros estilos de dança, passam a fazer parte do repertório das coreografias criadas de acordo com que cada texto da toada<sup>9</sup> pede/exige. Em suma, a linguagem não é mais do simplório, e sim um produto industrializado pronto para o consumo, pronto para ser degustado como parte de mais um elemento que se enfeita para vender. Sendo assim, são dois grupos andando encima de dois formatos da mesma cultura, onde o parecido se destaca, mas, suas especificidades dão a diferença.

O capitalismo deve estar constantemente multiplicando mercados, estilos, novidades e produtos para continuar observando os consumidores para suas práticas e estilo de vida. A mera valorização da “diferença” como marca de contestação pode simplesmente ajudar a vender novos estilos e produtos se a diferença em questão e seus efeitos não forem suficientemente aquilatados. (KELLNER, 2001, P.61).

A indústria cultural segue a todo vapor mostrando que o capital cultural e de bens simbólicos são usados para promover as marcas dos patrocinadores obtendo uma nova linguagem e se adaptando a marca onde um representa o outro e o outro não

---

<sup>9</sup> Música de estrofe e refrão pequenos de fácil assimilação. O termo vem do verbo entoar.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

representa o um, em outras palavras, o ícone representa a marca, mas, a marca não representa o ícone. É uma apropriação dos bens simbólicos para garantir o posicionamento da marca junto à cultura do lugar. Esses projetos seguem firmes durante o decorrer do ano principalmente depois da festa cumprindo as metas daqueles que fazem dessa indústria do entretenimento o meio de atrair consumidores dispostos a comer e beber da fonte manipuladora fazendo com que os lucros dos grupos hegemônicos cresçam absurdamente. A cultura do Boi Bumbá de Parintins na perspectiva da Crítica de Adorno e Horkheimer pode ser ainda considerada arte? Ou já se enquadra na crítica de Adorno (2002), quando afirma que o cinema e o rádio não têm mais a necessidade de serem empacotados como arte. A verdade é que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se auto definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável. O festival de Parintins com todas as suas atribuições tecnológicas com seu novo formato em prática se define como indústria e entra no hall das culturas que não podem ser mais empacotados como arte?

Nessa perspectiva, ao analisarmos a hibridação cultural, podemos perceber que a transformação causada na cultura do boi bumbá de Parintins foi prejudicial para alguns setores da sociedade e talvez irreversível, no contexto social, cultural, político, econômico e histórico. Concordando com Braga (2002), quando se refere às festas católicas do passado, onde homenageavam a São João e outros santos, de uns tempos para cá, as apresentações dos bumbás adquiriram características de espetáculo midiático. A indústria formada através dessa transformação oferece a arte em forma de produto numa tentativa linear de universalizar aquilo que já era comprovadamente universal. O texto de Geertz (2013), denominado Penas, Sangue, Multidões e Dinheiro faz uma alusão à briga de galo deixando uma conotação de que os homens prosseguem humilhando alegoricamente um a outro se regozijando tranquilamente com a experiência do triunfo da vitória onde acham que chegam a um status numa estrutura



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

globalizante. Assim, a cultura parintinense com todas as suas hibridações, transformações e novas propostas de linguagens comunicacionais pode ser considerada hoje, uma briga de galos que está perdendo o sentido. Pensando em tudo isto, a comunicação errônea e totalmente desprovida de conhecimentos prévios que se pratica de uns anos para cá, também promove uma confusão de histórias e ideias acerca do que é e para que serve de fato o festival folclórico de Parintins enquanto manifestação popular, como toda cultura de massa, sua folkcomunicação já um tanto quanto equivocada segue os rumos de um caminho que não se sabe mais os significados e nem que linguagem está sendo usada, exemplo disto é a comparação direta com o carnaval do estado do Rio de Janeiro.

O bumbódromo inaugurado em 1988 foi o “ponta pé” inicial para as transmissões ao vivo de TV e rádio para todo o estado. A partir deste ano, cada vez mais as duas associações eram forçadas a adaptarem o boi na arena de acordo com a direção dada pelo responsável das transmissões. O espetáculo tinha que acontecer de maneira que os brincantes não deixassem “buracos” na arena, pois a apresentação já não era mais para os torcedores locais e sim para um telespectador que estava conhecendo uma cultura a fim de que ele (o telespectador/futuro consumidor) se identificasse em meio aquela mistura de música e cores. Não demoraria para que se desse o início da transição do formato do simples tradicional do “dois pra lá e dois pra cá” para o formato atual. Essa transformação foi aos poucos, obviamente era inevitável, pois a indústria cultural já ditava as ordens e a obrigatoriedade de adaptação às exigências do mercado com um novo formato já era latente. Foi um marco no festival de Parintins e um divisor de águas para os bois Caprichoso e Garantido, as mídias e os canais de comunicação de longo alcance já eram uma realidade que facilitaria e ajudaria bastante à captação de mais patrocinadores, foi só uma questão de tempo, no início da década de noventa, Parintins já não era mais a mesma no contexto de seu festival, mais de cem mil visitantes/consumidores aportaram na ilha Tupinambarana a fim de conhecer Caprichoso e Garantido e tudo que girava como pano de fundo da festa e cultura como um todo. Nogueira (2008), afirma que os meios de comunicação tem um papel preponderante na construção das redes mercadológicas mais abrangentes e na



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

desconstrução da perspectiva de uma arte pura, superior e culta, e outra inferior, popular, inculta. Todos os canais midiáticos contribuem para a circularidade dos bens simbólicos, se tomarmos por empréstimo este conceito Baktiniano; para mundializa-los, se recorrermos a Renato Ortiz; para hibridiza-los, se acionarmos Nestor Cancline; e assim poderíamos citar outros autores e seus conceitos, os quais só demonstrariam a complexidade do fenômeno.

**Folkcomunicação Digital – Marginalizando o Marginalizado.**

A Folkcomunicação na prática continua sendo a mesma, a população de Parintins se intercambia de forma que as ideias, opiniões, vestimentas, chavões, discursos, linguagens são formados a partir de um agente comunicador que põe esse conjunto de atitudes em prática seja em comunidades rurais ou urbanas. Todavia, há uma ressalva relevante a considerar: As novas tecnologias aplicadas na comunicação levou a população para a era da velocidade da informação, as redes sociais surgem digitalizando o processo comunicacional entre os indivíduos da cidade, com isto, a era cibernética se impõe causando separações significativas na sociedade parintinense. Interessante frisar que a linguagem folclórica utilizada nas redes digitais continua a mesma de outrora, caracterizando a folkcomunicação estabelecida desde sempre, a diferença é a velocidade da comunicação empregada pela tecnologia dos *mobiles*, seja *smarts phones*, *tablets*, *notebook*, *netbook*, *smart tv*, etc. A tecnologia da internet banda larga propicia uma nova condição de comunicação criando um novo grupo de interação, ou seja, não são apenas uns ou poucos agentes comunicacionais folks, agora são inúmeros, espalhados além-município. A mídia digital utilizada hoje não inclui uma boa parte da população de Parintins por dois motivos óbvios. Primeiro, a geração passada não utilizam os meios/canais de comunicação vigente como *smartphone*, *tablets*, *notebooks*, entre outros canais de comunicação, no entanto, são alheias as redes sociais muito utilizadas para anúncios de qualquer natureza. O sistema os exclui, sobretudo os idosos, a folkcomunicação digital é bem diferente do que deveria ser e não engloba a todos, pelo contrário, exclui. Afirma Trigueiro (2005) que nesse cenário são cada vez mais visíveis os processos de apropriação e incorporação das manifestações culturais



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

populares pela mídia e em movimento inverso, quando os protagonistas das culturas populares se apropriam do espaço midiático e de suas ferramentas para reinventarem os seus produtos culturais. Esses protagonistas entre outros tantos se enquadram aos próprios boís, as duas associações por conta da tecnologia da velocidade da informação e do baixo custo, utilizam as redes sociais para publicar seus anúncios, avisos, informes, entre outras coisas.

Beltrão (2004), afirma que a vinculação estreita entre folclore e comunicação popular, registrada na colheita dos dados para este estudo, inspirou-o na nomenclatura desse tipo “cismático” de transmissão de notícias e expressão do pensamento e das reivindicações coletivas. Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. Levando em consideração o texto Beltrano citado acima, essa parcela da população não deveria ser excluída do processo das novas tecnologias, sobretudo dos *mobiles*, pelo contrário, deveria haver meios/projetos (partindo das associações ou não) de inseri-los nesse sistema novo imposto pela modernidade. Castel (2003), afirma que a influência das redes baseadas na internet vai além do número de seus usuários: Diz respeito também a qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. Manuel Castel tem absoluta razão quando percebe quão danoso e vil é excluir um cidadão/cidadã desse processo ainda mais quando sabemos que a economia, embora passe por situação adversa, tem reserva para projetos de inclusão digital. Bem que as associações com parcerias governamentais ou não, poderiam manter projetos de inclusão aos idosos nesse processo da folkcomunicação digital com cursos que ensinasse a todos que tem essa dificuldade de operar tanto o aparelho quanto o sistema. Com certeza o advento da internet acelerou o processo de transição de formatos e linguagens no qual ocasionou todo esse fenômeno social. A indústria cultural com todas as suas atribuições utilizando-se de ferramentas como a hibridação a fim de formar produto tem uma boa parcela de culpa, porém, isto



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

não significa que fiquemos parados olhando o caos, temos que puxar os que ficam para trás. Santaella (2013) publica uma declaração de 1963 de Antônio Pasquale do texto de Viana (2010), que segundo ela soa como uma premonição enunciada pelo avesso que diz: Quero falar sobre a urgência de mais investigações não sobre a comunicação, mas sobre o silêncio. Sobre o que significa não ter acesso aos meios, sobre o impacto, em nível tanto individual como coletivo, de nunca se ter visto a si próprio em uma tela, de jamais ter falado em um microfone, de não ter experimentado o que é colocar sua voz na esfera pública ou haver visto seu próprio ambiente com que nos bombardeiam as grandes mídias. Assim, levando em consideração a declaração acima, vemos a tamanha necessidade de mais pesquisas e estudos acerca da folkcomunicação digital dentro da indústria cultural com as hibridações causadas pela mesma a fim de incluir os marginalizados. O objetivo então, é estudar, pesquisar e entender gerando novas análises as mudanças a partir das perspectivas mostradas pela hibridação cultural e a folkcomunicação digital empregada atualmente. Esses sistemas compõem e formam um ambiente de sistemas onde se pode analisar as diferentes formas de linguagens comunicacionais culturais seus ícones e representações, logo, é relevante entender até onde essas formas sistêmicas podem interferir na cultura, nos saberes, nas representações iconográficas e na vida do parintinense.

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, Theodor W. Indústria Cultural e Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BRAGA, S. I.G. Os bois-bumbás de Parintins. Rio de Janeiro: Funarte, EDUA, Manaus, 2002.

CASTEL, Manoel. A galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2003.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

COELHO, Teixeira. O que é indústria cultural. Brasília: Ed. Brasiliense, 1993.

CANCLINE, Nestor Garcia, Culturas Híbridas: Estratégia para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 1999.  
GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Ed. Atlas S.A. – 2008

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HALL, S. [1992]. A identidade cultural na pós-modernidade. 8. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. Estudos Culturais: Identidade Política Entre o Pós Moderno e o Moderno. Ed. Edusc. Bauru, 2001.

NOGUEIRA, Wilson. Festas Amazônicas. Ed. Valer, Manaus, 2008.

SANTAELA, Lúcia. Comunicação em tempos de redes sociais: Afetos, Emoções, Subjetividades. São Pulo: Intercom 2013. p.23.

TRIGUEIRO, Osvaldo. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. In: Seminário nacional de políticas públicas para as culturas populares. Brasília, 2005.